

Entretantos, 2014

Grupo: **GRUPO DE DISCUSSÃO CLÍNICA**

Integrantes: Anna Mehoudar, Claudia Justi Monti Shonberg, Cristina Herrera, Eva Wongtschowski, Heidi Tabacof, Noemi Moritz Kon e Rita Cardeal.

Proponente: Rita Cardeal

Articuladora da Área de Formação Contínua: Noemi Moritz Kon

“GRUPO CLÍNICO: A CLÍNICA ENTRE PARES”

Apresentador: **CRISTINA MARIA ELENA HERRERA**

Esse grupo nasceu pelo desejo de produzir psicanálise entre pares - na vertente clínica - dentro do Departamento de Psicanálise. Um desejo que encontrava terreno fértil para sua realização na transferência de trabalho que havia sido construída entre colegas e que tinha como determinante a inserção de cada uma de nós no Departamento de Psicanálise. A clínica, sua apresentação e discussão, era o campo de interesse.

O grupo nasceu num momento singular do Departamento, no qual várias forças políticas buscavam favorecer a construção de novos grupos de trabalho. O grupo de Discussão Clínica tornou-se, desta maneira, o primeiro fruto do novo dispositivo do Conselho de Direção que estava sendo formulado naquele momento, dispositivo que foi denominado Incubadora de Idéias.

A idéia inicial era a de um grupo constituído por sete integrantes - todos membros do Departamento -, que estaria aberto para receber mais um psicanalista, com participação limitada no tempo, e que poderia ser externo ao grupo e membro do Departamento ou externo a este. A primeira reunião do grupo ocorreu em maio de 2011.

À parte o entusiasmo com relação a uma atividade que já pré-anunciava um investimento libidinal importante surgiram, logo no início, alguns desafios. Não tínhamos até então uma experiência de discussão clínica conjunta entre nós. Havia,

sim, uma experiência de produção de trabalho em situações diversas dentro do Departamento, lugares nos quais se pensava sobre a psicanálise e sua ética, sobre as instituições de psicanalistas e sua formação, sobre o trabalho dos psicanalistas nas instituições de saúde e tantas outras questões que fazem parte da complexidade de nosso espaço institucional. Os integrantes do grupo, nem todos entre si, mas todos em algum tempo, co-participaram de atividades no Departamento, que traziam a marca de um investimento voltado ao prazer da criação compartilhada. Iniciávamos, portanto, um trabalho grupal, necessariamente perpassado pela alteridade do lugar do Departamento, alteridade que, na dinâmica de nosso grupo, incide na circulação das transferências de trabalho e de seu manejo. Poder desenvolver atividades que dão ao trabalho institucional sua vertente de generosidade é abrir chances para a invenção coletiva.

Propusemo-nos discutir a clínica, precisamente porque a clínica pressupõe interrogação da prática, da prática de cada um de nós, e, assim, a interlocução aberta entre pares. Nossa proposta de trabalho implicaria nos assujeitarmos simultaneamente aos efeitos combinados da alteridade do Departamento e da alteridade produzida pelo lugar do colega colocado como outro da experiência.

O trabalho em torno do fazer clínico põe à mostra para cada um e para todos o lugar do analista: sua função na condução do tratamento, sua maneira de abordar a transferência, suas referências de filiação, seu estilo, enfim, a diversidade e a singularidade que se evidenciam na maneira de cada um fazer seu o discurso da psicanálise.

Este lugar de interlocução também suscita indagações quanto à especificidade da escuta. Nessa experiência de horizontalidade a suposição de saber circula e compõe um campo.

Um grupo de discussão clínica entre psicanalistas com formações diferentes propõe, de início, uma série de questões sobre a diversidade da prática, não só no seu aspecto formal, mas, principalmente, questões sobre a diversidade no uso conceitual

da metapsicologia freudiana. Até mesmo diferenças na nomeação do fazer clínico: aquilo que é nomeado de condução analítica, de direção da cura, de acompanhamento do processo de desvelamento ou construção do inconsciente, de experimentação compartilhada do já vivido, mas não incorporado, de construção de um lugar para os afetos ameaçadores, entre tantos outros.

Esse exercício que nos propomos fazer em grupo nos remete também a uma reflexão sobre a formação de analistas e a institucionalização da psicanálise, chegando a incidir sobre o que consideramos a psicanálise e sua prática.

Dizemos que, no Departamento, somos uma associação de psicanalistas que se distingue pela pluralidade e pela diversidade de formações e de práticas clínicas. Tomando para nós tal premissa, temos podido protagonizar uma experiência compartilhada que não é sustentada pela via da versão única, que não se baseia na idéia da mestria e que trabalha com o suposto saber compartilhado.

Temos uma base comum: uma psicanálise que professa a existência do inconsciente, da sexualidade, do infantil, da metapsicologia freudiana e que tem na transferência seu pilar clínico. Assumimos, também, como membros do Departamento, o compromisso com alguns aspectos fundantes dessa associação de analistas: praticar uma psicanálise comprometida eticamente com nossa realidade sócio-política, imersa nas questões prevalentes de nossa cultura e de nossa época, e que busca manter independência em relação às instituições oficiais da psicanálise.

Este novo dispositivo proposto tem ainda como diferencial a possibilidade de entrada, por um tempo delimitado de antemão, de um analista que poderia ou não fazer parte do Departamento. Uma forma de reorganizar a circulação das transferências de trabalho, evitando a cristalização dos seus lugares.

Muitas questões, algumas dificuldades. Mas nada que nos impeça de caminhar.



A transferência de trabalho foi nosso critério de agrupamento. Esta se desdobra no fazer: está na constituição do grupo de trabalho interno ao Departamento, no cerne da própria atividade, e é a matéria prima da condução analítica que a escuta media. Em nossa discussão clínica nos inclinamos, com paciência (às vezes nem tanta quanto se faria necessário) para desfazer nós, nós que a transferência própria ao fazer clínico acarreta.

Nos últimos 3 anos, temos vivido situações de grande delicadeza, profundidade e complexidade de trabalho. Temos vivido o plural e o diverso de nossas formações, com respeito ao outro, ao outro analista: aquele que traz um fragmento clínico para a discussão, um caso, uma dúvida teórica, mas, principalmente aquele que traz a si mesmo, em sua constituição subjetiva, com os conflitos e as angústias que seu ofício de psicanalista lhe impõe. Pensamos a teoria, vivemos a clínica, buscamos reinventar a psicanálise. Ou, pelo menos, nos reinventarmos como psicanalistas. A transferência faz sua função.

E a ética sustenta a possibilidade de cada um falar e escutar com a liberdade que lhe é subjetivamente possível.

